

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

## REDESCOBRINDO A MISSÃO DA IGREJA

GOHEEN, Michael W. **A igreja missional na Bíblia: luz para as nações**. São Paulo: Vida Nova, 2014. 286 p.

André Souza Silva<sup>1</sup>

Diante das inúmeras questões existentes sobre eclesiologia, a editora Vida Nova traz à luz a obra intitulada “*A igreja missional na Bíblia: luz para as nações*”, de Michael Goheen. A obra não é um manual de como fazer missões, mas busca demonstrar que a igreja não deve simplesmente fazer, ela deve ser missional em sua própria natureza e identidade. Goheen é PhD (pela Universidade de Utrecht), diretor de educação teológica no Missional Training Center, além de professor de cosmovisão e estudos religiosos na Trinity Western University. Sua dissertação de doutorado foi na área de missiologia, assunto também abordado na presente obra.

O autor apresenta a ideia de missão como o papel e a identidade da igreja num contexto da história bíblica, buscando dissociar esse conceito da visão baseada em expansão geográfica e anúncio das boas novas a um lugar distante. A partir de um breve panorama histórico, destacou-se como a igreja tornou-se cativa da sua história cultural, obscurecendo assim sua identidade missional fundamental. A Bíblia utiliza diversas imagens para representar a igreja, mas o legado da cristandade, Iluminismo e consumismo tem distorcido essas imagens, tornando a igreja refém da cultura. Para compreender uma igreja missional é preciso observar

---

<sup>1</sup> O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira (Ijuí/RS) e também licenciado em Letras-Espanhol e suas literaturas pela Universidade Federal de Santa Maria, além de mestrando em Teologia Pastoral pelas Faculdades Batista do Paraná. Trabalha como obreiro na Igreja Batista Emanuel de Panambi e professor de Ensino Religioso para o ensino fundamental do Centro Educacional Primeiros Passos em Augusto Pestana. E-mail: [andresouzas@hotmail.com.br](mailto:andresouzas@hotmail.com.br)

desde sua conexão com o povo de Deus, no Antigo Testamento, até o que é radicalmente novo, a partir da obra culminante de Jesus e a vinda do Espírito Santo.

A natureza missional da igreja está arraigada no chamado de Israel, por isso o segundo capítulo busca demonstrar a partir do Antigo Testamento como este era um povo missional. O povo de Deus no Novo Testamento assume a identidade e o papel de Israel. Elucidando o conceito de missão, o autor afirma que se trata do que Deus está fazendo em favor do mundo, e a identidade missional é desempenhar essa iniciativa redentora que é do próprio Deus. O chamado para eles era tornar-se um povo sacerdotal e nação santa, e a igreja herda esse chamado.

Para reconhecer o papel e a identidade do povo de Deus, é preciso realizar uma análise hermenêutica dos textos de Gênesis 12.2,3 e Êxodo 19.3-6, nos quais Deus faz do pequeno povo de Israel o centro da história e alvo da criação. Deus escolhe realizar sua missão por seu povo e por meio deles. Destacando os contextos em que Israel vive seu chamado missional, o autor percorre a história do povo de Israel para demonstrar que eles haviam sido colocados no meio da terra para brilhar como luz para as nações e, ao longo da história, Deus proveu meio para que eles cumprissem o seu chamado. Entretanto, continuamente deixavam de ser santos e separados.

Como Israel frequentemente fracassava em sua missão, o autor pontua que o objetivo de toda a atividade de Jesus era reunir um povo escatológico para que este assumisse seu chamado missional. O reino era uma esperança comum aos judeus, e Jesus abre uma era na história redentora na qual o reino está aqui, mas aguarda a consumação final. O anúncio do reino significava que o verdadeiro destino de Israel estava se cumprindo. Os que respondessem a mensagem de Jesus com arrependimento e fé, assumiriam o papel do povo de Deus na história.

No quinto capítulo, o autor fala da ressurreição de Jesus e a identidade missional da igreja. Tais eventos primeiro deveriam acontecer para capacitar o povo de Deus, para compartilhar o poder do reino de Deus, fazendo parte não somente do centro da comunidade cristã, mas também no centro da história. O Novo Testamento registra a reflexão histórica e teológica desse povo enviado às nações para dar seguimento à lógica da missão de Jesus de maneira criativa em seus contextos variados.

Em “A igreja missional na história do Novo Testamento”, Goheen mostra como a igreja de Atos levou adiante a missão do povo de Deus que foi dada ainda ao povo no Antigo Testamento, porém, agora ao povo messiânico e capacitado pelo próprio Espírito Santo. No sétimo capítulo, o autor aborda cinco categorias de imagens: imagens que conectam a igreja como “povo de Deus”; imagens que indicam o povo de Deus pertencendo a nova ordem escatológica; imagens cristológicas que mostram o relacionamento do povo de Deus com o Messias; imagens que demonstram a vida do Espírito na comunidade; imagens que dizem respeito ao lugar da igreja no mundo. Entretanto, nenhuma dessas imagens pode ser entendida adequadamente se não estiver associada à identidade missional da igreja.

No penúltimo capítulo, “A igreja missional na história bíblica”, o autor apresenta um resumo das conclusões já tratadas no livro. Goheen afirma que descrever uma igreja missional

significa que ela participa na missão de Deus, dá continuidade à missão de Israel, continua a missão do anúncio do reino e testemunho da igreja primitiva. O autor afirma que cada uma dessas características amplia e intensifica a natureza missional do reino de Deus.

Por fim, após analisar os Testamentos e o panorama histórico, Goheen propõe o que seria uma igreja missional hoje; com o que ela se parece no século 21 e como implementá-la. Entre algumas características, destacam-se o uso do culto como instrumento de cultivo de uma identidade missional, a necessidade de se entender o contexto cultural da igreja, o treinamento para o confronto missionário, cultos familiares e a educação cristã. Por último, Goheen lembra que em Deuteronômio uma das ameaças que o povo de Deus enfrenta em sua tarefa missional é “o fracasso em transmitir a fé à geração seguinte”.

Nesta obra, Goheen utiliza de maneira magistral a metanarrativa bíblica transformando-a no fundamento para uma teologia de missões. Goheen frequentemente destaca a importância da eclesiologia para a identidade missional da igreja, porém, sem oferecer uma definição precisa do termo, acaba associando demasiadamente a ideia de eclesiologia à sua teologia de missões. O autor utiliza uma linguagem clara e a forma como está elaborada a distribuição dos capítulos colabora para a leitura da obra. A proposta do livro é atingida ao tratar sobre teologia de missões evitando soluções enlatadas e interagindo com a grande história da redenção bíblica. A obra é recomendada para pessoas interessadas em eclesiologia, teologia de missões, mas também a pastores, teólogos, seminaristas e cristãos em geral, que desejam compreender a proposta de uma igreja chamada missional.